

DORA KRAMER

E-mail: dora.kramer@estadao.com.br | Twitter: @DoraKramer



Fogos de artifício

Os pactos ao plebiscito às carreiras, passando pela Constituinte exclusiva e uma reunião ministerial focada no que o governo federal disse ou fez nos últimos dias "colou". Uma série de papites infelizes descolados da realidade.

Évidência de total falta de sintonia com o conteúdo do que diz o respeitável público e ausência de um diagnóstico 'planejamento' sobre os problemas a serem resolvidos em ordens de prioridade conforme as necessidades reais do País. Em duas palavras: propaganda enganosa.

As coisas são mais complexas que uma mera jogada de transferência de responsabilidades. Ao contrário, trata-se de usurpação laudina de prerrogativas. Inversão colosa dos fatos.

Propostas do governo não 'colam' porque têm jeito de propaganda enganosa

Oua presidente e seus conselheiros não sabem que a função de convocar e definir a pauta do plebiscito do Congresso? Ou desconhecem que uma consulta ca complexidade da reforma política não se faz assim de estalo? Ou

notaram que a ira contra políticos não era motivada por regras eleitorais e sim pelo dar de ombros do Estado traduzido em desleixo administrativo e degradação moral?

O Congresso só tem uma maneira de desarmar o truque: fazendo a sua parte, trabalhando direito, atuando com autonomia, adotando critérios de decisão, abrindo mão de privilégios. Quanto à reforma política, é colocar mãos e cabeças à obra para a elaboração de uma pauta voltada para o eleitor que depois seria chamado a referendo para aprovar ou rejeitar as mudanças.

Piloto automático. Não foi um "equívoco", como disse o presidente da Câmara

depois de descoberto, o que o levou a lotar de parentes um avião da FAB em caravana para assistir à final da Copa das Confederações no Maracanã.

A reposição do valor das passagens não o recime do ato que eleita mais alto que qualquer explicação sobre a razão dos protestos. Suas excelências terão de fazer mais que dar declarações de apoio "à voz das ruas" e aprovar uma batelada de leis.

Hoje difícil mentar sociedade seria com a condescendência de oxtora as férias no Palácio da Alvorada patrocinadas pelo então presidente Lula a um grupo de amigos de um de seus filhos. Todos transportados em avião oficial, como a família Alves.



Outro rumo. Antes das manifestações, reeleição de Rui Falcão era tida como tranquila



'Oposição interna'. Candidatura de Paulo Teixeira representa racha dentro do próprio PT

Alas do PT buscam espaço após protestos

Campanha pelo comando do partido, que começa hoje em Brasília, terá cinco candidatos e discursos mais críticos ao governo de Dilma

Pedro Veneciano

Enquanto os operadores políticos do Palácio do Planalto se desdobram para estancar a queda de popularidade da presidente Dilma Rousseff, as correntes internas do PT apostam que as manifestações populares podem mudar a correlação histórica de forças do partido. O processo de eleições diretas petistas, o PED - que começa hoje, em Brasília, com o lançamento da candidatura do deputado paulista Paulo Teixeira à presidência pela tendência Mensagem ao Partido - pode abrir flancos para que tendências minoritárias e mais críticas ao governo federal assumam o papel de protagonistas na legenda.

TRÊS PERGUNTAS PARA...

Paulo Teixeira, deputado federal (PT-SP)

1. Sua corrente, a Mensagem ao Partido, defende a renúncia do PT. Esse é o mote? Não, o mote é o diálogo com o partido. O PT se distanciou de suas bases tradicionais e se afastou das ruas. O partido precisa retomar seus vínculos com os movimentos sociais e se comunicar melhor com a sociedade. A comunicação de PT ainda é analógica.

2. O sr. detende que o PT faça algum tipo de campanha e não em defesa dos réus do mensalão? Defendemos que eles tenham um julgamento justo e acreditamos que houve uma politização do processo por parte dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Mas isso é uma página virada no partido.

3. Acredita que as recentes manifestações populares podem influenciar o Processo de Eleições Diretas (PED)? As manifestações terão impacto na militância, assim como no governo. É difícil prever, mas elas provocarão mudanças no cenário. Algumas forças já colocaram o resultado do PED como certo. Agora ele é incerto.

chamada de Articulação, a corrente do ex-presidente Lula, do ex-ministro José Dirceu e da presidente Dilma foi rebaixada como Construindo um Novo Brasil (CNB). Antes das manifestações, os petistas esperavam uma reeleição tranqui a do atual presidente, o deputado estadual paulista Rui Falcão, que já está na linha de frente da campanha pela reeleição de Dilma. Com votação marcada para o dia 10 de novembro, o PED já conta com quatro candidatos além dele. Falcão tinha marcado o seu

lançamento para o último dia 27, mas adiou o evento depois que as manifestações tomaram conta do noticiário. Os outros nomes são de correntes mais à esquerda: Valter Pomar, da Articulação de Esquerda; Renato Simões, da Militância Socialista; e Markus Sokol, do Trabalho. Ex-líder do PT na Câmara dos Deputados, Paulo Teixeira acredita que as manifestações provocarão uma mudança no cenário de direção petista. "Algumas forças colocavam resultado do PED como certo. Agora ele é incerto", diz. "As manifestações

farão muito bem ao PT. O impacto será positivo para o PED", prevê Renato Simões. Para Valter Pomar, o PED será, como em 2005, "uma demonstração de que sob pressão o PT fica melhor e mais sintonizado com os interesses populares". Para garantir a manutenção da hegemonia de seu grupo, o ex-presidente Lula escolheu o ex-ministro Luiz Dulci, atual diretor do Instituto Lula, para coordenar a campanha de Falcão. A expectativa é de uma campanha pontuada por fortes críticas ao governo federal e ao

atual comando partidário. "É preciso retomar as bandeiras da fundação do PT, como a reforma agrária, a redução da jornada de trabalho para as horas de uso de verba pública apenas no serviço público", diz Markus Sokol. A principal crítica dos petistas ao governo federal atinge um dos pontos mais vulneráveis da presidente: articulação política. "A presidente percebe que o diálogo com o Congresso e os movimentos sociais precisa ser melhorado", afirma Paulo Teixeira.

Essa tese é compartilhada pelas correntes menores. "Dilma tem relações institucionais com os movimentos sociais, mas dialoga pouco com o conjunto da sociedade. O governo também tem sido infeliz nas articulações da base governista", afirma Simões. "Só conseguimos ter crescimento e melhoria nas condições sociais se dermos um salto de qualidade, no sentido de reformas estruturais, o que ainda não foi feito", pontua Valter Pomar. Criado há dez anos, o PED usará pela primeira vez apenas recursos "públicos" oriundos do caixa do PT para a campanha. A ideia é minimizar a proposta de reforma política.

Procuram-se mulheres, índios, negros e jovens

● Pela primeira vez desde que foi instituído há dez anos, o PED (Processo de Eleições Diretas) do PT conta com uma cláusula que exige das chapas estaduais, municipais e nacionais cotas mínimas de mulheres (50%), etnias (20%) e jovens com menos de 30 anos (20%). O diretório nacional do PT conta com 82 membros. Nos estaduais e municipais esse número varia. A distribuição será feita com base em dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A ideia era enviar uma mensagem positiva para opinião pública, já que a paridade é uma bandeira do PT na reforma política. Mas as correntes estão tendo mais dificuldades para preencher suas chapas. "Temos muitas mulheres, mas em pequenos municípios de Santa Catarina, por exemplo, estamos com dificuldades para fechar a cota de negros", afirma um dirigente da corrente Construindo um Novo Brasil / P.V.

Nome de Lula 'está colocado' para 2014, diz ex-porta-voz

Roldão Arruda

O cientista político André Singer, que foi porta-voz da Presidência da República no govern-

no de Luiz Inácio Lula da Silva, disse ontem em São Paulo que o nome do ex-presidente "está colocado" no cenário da eleição de 2014. Dependendo da

evolução da conjuntura política nos próximos meses, acrescentou Singer, "ele vai ficar mais colocado ainda". O ex-porta-voz da Presidência

ciafez as afirmações ao participar de um debate na USP, onde é professor, sobre os protestos que estão ocorrendo no País. Indagado por um pesquisador se Lula estaria promovendo articulações com os centrais sindicais com o objetivo de retornar em 2014, ele respondeu: "Com relação ao ex-presidente Lula, vou dizer com toda a humildade, não sei interpretar. Não creio que seja

uma ação deliberada no sentido de se recolocar para 2014". Logo em seguida, porém, acrescentou: "Em função dos resultados de pesquisas, é evidente que o nome dele está colocado, porque a queda da popularidade, de aprovação do governo Dilma e, diga-se também, de todos os executivos, foi muito forte." E mais: "A depender de como evoluir, vai ficar mais colocado ainda".

Isso não significa, ressaltou, que Lula esteja interessado em retornar: "Não tenho nenhuma condição de avaliar se ele aceitará ou não uma candidatura nesse momento".

Sobre a queda no índice de popularidade do governo Dilma, ele comentou: "Pode ser algo temporário. É tão incerto que não há como prever. Não é como em situações anteriores em que a causa da queda da popularidade era muito nítida. Por exemplo: um momento de recessão econômica. Nós não estamos em recessão".

ADIAS AR CONDICIONADO 0800 15 66 11 adias.com.br

Kalunga +100 lojas